

São Paulo, 08 de dezembro de 2008.

Prezado Investidor,

É com satisfação que apresentamos os resultados de nossos fundos ao longo do mês de novembro. Em meio a um ambiente de alta volatilidade e baixa visibilidade, nossos fundos das diversas estratégias continuam obtendo sólidos desempenhos de maneira constante e uniforme ao longo do semestre. Tal desempenho foi obtido sem expor nossos investidores a riscos assimétricos e observando uma gestão de risco conservadora.

- Os fundos da Estratégia Macro obtiveram desempenho superior ao CDI. O Fundo Quest 30 FIM retornou no mês 128% do CDI;
- O Fundo Quest Iporanga 15 FIM retornou no mês 109% do CDI;
- O Fundo Quest LS 30 FIM retornou 176% do CDI em outubro. O Fundo Quest Equity Hedge 60 FIM retornou em outubro 228% do CDI;
- O fundo Quest Ações FIA teve ganho de 2,56% em outubro, enquanto o Ibovespa perdeu 1,80%. Desde seu lançamento, em junho de 2005, o Fundo retornou 184% versus 41% do Ibovespa.

Gostaria de destacar alguns trechos de nosso relatório deste mês:

- Esperamos uma forte contração da atividade e revisamos o crescimento do PIB para 1,5% em 2009;
- Apesar das incertezas em relação à inflação, entendemos que o BACEN reduzirá juros já no primeiro trimestre de 2009. Esperamos uma redução de 150 p.p. ao longo do ano que vem.

O mercado ainda deve apresentar alta volatilidade, uma vez que nas próximas semanas ainda teremos uma queda de braço entre as iniciativas de expansão fiscal dos governos ao redor do mundo e as revisões para baixo dos *earnings* das empresas e do crescimento econômico global. Continuaremos, portanto, a trabalhar com utilização conservadora do nosso orçamento de risco.

Por fim, gostaríamos de comunicar que reabriremos o Fundo Quest 1 FIM para captação.

Atenciosamente,



Walter Maciel Neto
Quest Investimentos Ltda.

Relatório Mensal – Novembro de 2008

1. Cenário Macroeconômico

Em novembro houve sinais ainda mais contundentes de agravamento das condições econômicas globais. Após um mês de outubro já desastroso, acentuou-se a tendência de descontinuidades dos indicadores na maioria dos países, mesmo naqueles vistos como mais resistentes. De fato, os dados de novembro indicam queda anualizada de dois dígitos da produção industrial mundial no quarto trimestre que, junto com o colapso do consumo no mundo desenvolvido, resultará no pior desempenho do PIB global das últimas décadas. Atribuíamos nos últimos meses cerca de 80% de risco de uma forte recessão mundial, porém mais branda que a indicada pelos dados recentes.

A simbiose do crescimento global ficou ainda mais evidente. Assim como o *boom* de crédito e consumo nos EUA, e no Ocidente em geral, não pode ser dissociado do crescimento da capacidade industrial e dos mega superávits comerciais asiáticos, a súbita reversão da demanda de consumo e a queda do déficit comercial norte-americano agora levam a uma dinâmica oposta: fuga de capitais dos países emergentes e rápida desaceleração industrial nos países que se beneficiaram do boom de consumo dos últimos anos. A rápida desaceleração do crescimento na Ásia, particularmente na China, é evidência deste processo. Com o fim da bolha de crédito, acentuam-se as dúvidas quanto ao excesso de capacidade global e aos riscos de um cenário de deflação.

A descontinuidade do crescimento mundial levou a respostas cada vez mais rápidas das autoridades. Pela primeira vez em décadas, a política monetária não parece suficiente para minimizar a interrupção do crédito e compensar a insuficiência de demanda efetiva e se recorre ao uso "sem precedentes" (em tempos de paz) da política fiscal. Porém, apesar da rapidez das respostas das autoridades, o abalo da confiança (o "espírito animal" keynesiano) deixa incerto o timing da recuperação. É difícil precisar em que momento a expansão fiscal surtirá efeito. Com a destruição de riqueza e o aumento da poupança nos EUA e no Ocidente, a recuperação a partir de maior gasto público levará muitos meses. Na China, apesar da capacidade de execução de um pacote fiscal ser a princípio rápida se comparada ao Ocidente, o redirecionamento do investimento para o consumo pode levar tempo, até porque o investimento representa 40% do PIB, quase o dobro da média mundial. Como o investimento é o item da demanda mais sensível a alterações na "confiança" e um pedaço relevante dele segue uma dinâmica capitalista, não é óbvio que a retomada ocorra no espaço de um trimestre. Restam, portanto, várias dúvidas e ainda é difícil enxergar o fundo da atividade global e o momento de recuperação. Hoje parece provável que uma recuperação mais significativa da atividade econômica ocorra apenas a partir do 2º trimestre de 2009.

Mas há boas notícias que, somadas, ao longo do tempo contribuirão para uma retomada: a queda dos preços de energia é um choque positivo de grande relevância, representando sozinho um impacto de quase 2% na renda disponível dos EUA; os pacotes fiscais ganharão tração ao longo do tempo em grande número de países, apesar das incertezas; e as iniciativas dos bancos centrais têm sido bem sucedidas em reduzir o stress financeiro e destravar o crédito interbancário. Todos estes fatores indicam que não devemos esquecer que o cenário mais provável é de uma recuperação, mesmo que apenas em meados de 2009. É claro que estaremos atentos para qualquer sinal de recuperação nos próximos meses, especialmente nos dados industriais de alta frequência, que certamente teria efeito importante sobre os mercados, dado o cenário bastante ruim hoje implícito nos preços.

No Brasil, os impactos da recessão global ficaram evidentes. A "parada" e o encarecimento do crédito, a perda dos termos de troca, a grande saída de capitais em outubro e novembro e a desvalorização da moeda levaram a uma interrupção abrupta do crescimento da atividade em outubro e novembro. A produção e as vendas de veículos mostraram queda acumulada de aproximadamente 25% nos dois meses. A produção industrial que havia crescido 2,6% no terceiro trimestre deve cair 3,5% no quarto trimestre, atingindo em dezembro um nível 2,5% menor que a média de 2008, ou seja, com um considerável carregamento negativo para 2009. Com isso, projetamos uma queda entre 0,5% e 1,0% do PIB no quarto trimestre, seguido de estabilidade ou pequena queda no primeiro trimestre de 2009, e revisamos o crescimento de 2009 de 2,5% para 1,5%. Os impactos no comércio e no emprego serão sentidos nos próximos meses. A inflação ficará num intervalo entre 5,0% e 5,6% (num cenário de câmbio em R\$/USD 2,30) e 5,3 a 6,0% (com câmbio em R\$/USD a 2,50), ainda que não descartemos um *overshooting* do câmbio no curto prazo.

Acreditamos, portanto, que o *pass-through* cambial será mais ameno que em episódios anteriores, já que a desvalorização será em parte compensada pelo cenário global de recessão e deflação.

Apesar da grande desvalorização cambial manter o IPCA acima da meta em 2009, acreditamos que a inflação permanecerá contida e que o Banco Central brasileiro reagirá às mudanças para pior nas perspectivas de crescimento. Esperamos queda de 150 p.p. em 2009, sendo o primeiro corte ainda no primeiro trimestre, provavelmente já em janeiro (não podemos descartar inclusive algum sinal da mudança de perspectiva já na reunião de dezembro de 2008 e no relatório de inflação a ser divulgado até o fim do ano).

2. Estratégia Macro

A performance do mês de novembro dos fundos multimercados foi derivada da posição comprada em dólar contra o real e da posição aplicada em juros. Ao longo do mês de novembro, diversos agentes revisaram suas projeções de crescimento e inflação para os países desenvolvidos e emergentes. Em função disso, os mercados continuaram a operar com um componente de aversão a risco muito elevado. Os fundos multimercados Quest 1 e Quest 30 apresentaram performance de 1,15% e 1,28%, respectivamente.

A percepção de que novas rodadas de revisões de crescimento levariam a uma piora nos mercados nos levou a manter uma postura mais conservadora nos fundos. Em virtude destas revisões, alguns agentes questionaram o tamanho dos atuais planos fiscais dos Estados Unidos e da União Européia e se estes seriam suficientes para conter a crise. Como consequência, os mercados de crédito corporativos e soberanos tiveram elevadas perdas que impactaram outros ativos de risco. Em razão destas políticas fiscais, os mercados de derivativos de crédito (CDS) dos Estados Unidos e Reino Unido sofreram elevadas aberturas do prêmio de proteção.

Com as projeções de crescimento sendo revisadas, os mercados de renda fixa apresentaram ganhos expressivos (taxas menores) uma vez que os Bancos Centrais no mundo devem optar por mais estímulos monetários. No mercado de renda fixa local, iniciamos uma posição aplicada em juros na parte curta da curva em função da nossa percepção de que o Banco Central deveria manter uma política monetária menos restritiva. O menor crescimento deve amortizar o impacto da depreciação cambial na inflação. A rápida deterioração do cenário de crescimento aliado a uma queda de commodities, levaram a um movimento de fechamento de taxa de juros no Brasil e em outros países emergentes que também sofreram uma forte depreciação cambial. Esta posição foi responsável por 21% da rentabilidade do mês.

No mercado de câmbio, mantivemos uma posição comprada em dólar e vendida em real através de opções. Com o cenário de crescimento global se deteriorando, as commodities em queda e com saída de capital, continuamos muito negativos com o real. Acreditamos que o contexto atual de desalavancagem das empresas deve permanecer, portanto o dólar deve continuar a se fortalecer perante as principais moedas do mundo. A compra de dólar foi responsável por 24% da rentabilidade do mês.

A despeito de acreditar que a Bovespa possui diversas empresas atraentes para investimento, acreditamos que o ambiente para bolsa continua muito incerto. Com o nosso cenário mais pessimista de crescimento, preferimos manter uma exposição tática muito pequena em renda variável através de compras oportunistas do índice futuro.

Por ora mantemos nossa expectativa de um cenário mais cauteloso para o desempenho da economia mundial e possível estabilização da economia americana. Um fator de risco para o nosso cenário seria uma apreciação mais acelerada do dólar frente as principais moedas do mundo. Em virtude da elevada incerteza apresentada, devemos continuar mantendo uma baixa exposição de risco nas carteiras.

3. Estratégia Trading

Novembro foi marcado pela velocidade da transmissão da crise financeira global para a economia real local. Houve quedas vertiginosas na produção e venda de bens importantes na composição do PIB. Apesar da forte desvalorização cambial no período, começou a ser desenhando um momento para quedas de taxa de juros no Brasil, em linha com o

que vem ocorrendo no resto do mundo. Os temas crescimento x inflação deverão tomar conta da próxima reunião do Copom.

Mantendo nossa política de altíssima liquidez, decidimos sair das estratégias de opções diante da baixa liquidez apresentada nas ultimas semanas e dos altos spreads cobrados pelo market makers. Em renda fixa capturamos ganhos no call spread de dólar 2,50/2,80 e trades *intra day*. A parte mais importante do resultado veio do put spread de IDIs e da posição de DI jan 10 dada.

Em renda variável, mantivemos por duas semanas uma figura de alta no índice que, diante do aumento de volatilidade deu resultado neutro, apesar das quedas do índice. A maior contribuição adveio de pequenas posições vendidas de curtíssimo prazo.

4. Estratégia Long Only

No mês de novembro a bolsa apresentou desvalorização de 1,8%. Entretanto, a volatilidade continuou elevada e no pior momento do mês observou-se queda de 22%. Acreditamos que a valorização do início do mês tenha sido consequência da expectativa da eleição de Barack Obama nos EUA, e que este divulgaria rapidamente sua equipe econômica e algum pacote de recuperação econômica. Posteriormente, houve uma forte correção de cerca de 20%, em função da frustração em relação à rapidez na divulgação da equipe, e principalmente pela decepção do mercado em relação ao tamanho e abrangência do TARP e divulgação de indicadores macroeconômicos mais fracos que os esperados. Com isto, a bolsa atingiu o pior nível do ano, ao redor dos 31.000 pontos. A partir de então, observou-se uma recuperação para patamares do início do mês como consequência do *valuation* atraente da bolsa brasileira.

Diante do cenário atual e com revisões baixistas de atividade global e de resultado de empresas, mantivemos nossa estratégia defensiva, focada em empresas geradoras de caixa, com balanços robustos e, na medida do possível, boas pagadoras de dividendos. Além disso, mantivemos baixa alocação nos cíclicos globais/commodities e priorizamos instituições financeiras aos cíclicos locais e empresas com tickets baixos em detrimento de elevados. Desta forma, ao alinhar nossa estratégia macro com nossa análise *bottom-up*, que é um dos principais diferenciais da QUEST, mais uma vez superamos o índice. O desempenho do Fundo Quest Ações FIA foi positivo em 2,6%, 4,5% acima do IBOVESPA.

Apesar de continuarmos acreditando que o setor de commodities ainda sofrerá com a baixa visibilidade global e com a divulgação de indicadores macroeconômicos negativos, é inegável que o patamar de *valuation* das empresas já está extremamente descontado, mesmo quando consideramos parâmetros extremamente conservadores. Por tal motivo, aumentamos a posição deste setor ao final do mês, mas com posições distintas entre os setores, priorizando mineração e siderurgia a petróleo. Dentro do setor siderúrgico, também priorizamos empresas mais defensivas, com baixa alavancagem operacional, geradoras de caixa e com balanço robusto.

Para as instituições financeiras, o mês de novembro foi um marco no setor em razão da fusão entre Itaú e Unibanco, dia 03 de novembro, e a venda da Nossa Caixa ao Banco do Brasil, dia 21 de novembro. No caso de Itaú-Unibanco, tendo em vista as sinergias potenciais e o *valuation* da nova instituição, nos posicionamos nesta ação por acreditar que deveria embutir prêmio e não fazia sentido negociar a múltiplos similares ao de Bradesco, por exemplo, sem considerar as sinergias, algo já corrigido pelo diferencial de desempenho das ações ao longo do mês. Também no caso do Banco do Brasil, ainda que o valor da aquisição de Nossa Caixa tenha nos parecido alto, não acreditamos que o banco deva negociar próximo ao seu valor patrimonial, como algumas vezes ocorreu ao longo do mês, e representou boas e também acertadas oportunidades de compra.

No setor de consumo, priorizamos as empresas de *ticket* baixo às de *ticket* alto e/ou mais vinculadas ao crédito, por acreditar que a deterioração do cenário econômico brasileiro deva contribuir, pelo menos, para o não crescimento da massa salarial. Diante de uma descontinuidade na evolução da concessão de crédito vista mais acentuadamente em outubro, acreditávamos que as empresas de consumo com maior dependência de crédito acabariam tendo um desempenho operacional pior nos meses à frente.

Além das estratégias já comentadas, ressaltamos nossa posição no setor de logística, que foi a segunda maior geradora do resultado do mês. Tal resultado é explicado por nossa posição em ALL, refeita neste mês após identificarmos que com a performance negativa nas últimas semanas o *valuation* da empresa voltava a ficar atrativo. Embora o resultado do terceiro trimestre tenha colocado em dúvida o *guidance* do ano, devido ao maior estoque de

grãos, acreditamos que os produtores de grãos não têm como continuarem estocados, pois terão que estocar a colheita da safra logo no início do ano que vem.

Continuamos acreditando que o cenário ainda é de baixa visibilidade e a volatilidade deverá continuar, seguindo a divulgação de dados econômicos e o processo de desalavancagem dos bancos e das empresas. Entretanto, alguns ativos já estão bastante descontados, gerando boas oportunidades de negócio.

5. Estratégia Long & Short

Os Fundos Quest Long Short (LS) e Quest Equity Hedge (EH) tiveram desempenho no mês de 1,76% e 2,28%, respectivamente, resultados bastante positivos e bem superiores ao CDI do mês. O racional para tão bom desempenho foi, como dito acima na carta do FIA, a percepção que mesmo com a melhora de humor observada no início do mês, os efeitos negativos da crise financeira na economia real ainda se prolongariam por algum tempo, o que nos fez manter as posições em empresas geradoras de caixa, especialmente aquelas pagadoras de dividendo e com balanços saudáveis, e vendida em empresas tomadoras de caixa.

Em termos setoriais, consumo, instituições financeiras e energia foram os destaques. Em consumo, ficamos comprados em empresas com ticket baixo e vendidos naquelas com ticket alto e com dependência relevante a crédito. Desta forma, ficamos comprados em Lojas Americanas e vendidos em B2W e Lojas Renner. Em energia, acreditamos que a OGX estava muito descontada, com o valor de mercado pouco acima do caixa líquido. Desta forma, abrimos uma posição long em OGX e short em Petrobras, ao acreditar que o petróleo se manteria em patamar reduzido, e que ruídos em relação a uma potencial redução de preços de gasolina e diesel começariam a pesar no mercado, como consequência do elevado prêmio destes combustíveis no mercado doméstico. Em bancos, no caso de Itaú-Unibanco, tendo em vista as sinergias potenciais e o *valuation* da nova instituição, nos posicionamos nesta ação contra Bradesco por acreditar que deveria embutir prêmio e não fazia sentido negociar em múltiplos similares, sem considerar as sinergias potenciais, algo já corrigido pelo diferencial de desempenho das ações ao longo do mês. Nossa posição comprada em ALL e vendida em aéreas também foi vencedora.

Continuamos mantendo nossa exposição bruta em torno de 20% no Long Short e 30% no Equity Hedge, primeiramente como forma de adequar a volatilidade de mercado ao nosso objetivo de volatilidade do fundo, mas também por julgarmos importante ter agilidade de movimentação da carteira num ambiente de menor liquidez dos papéis. Além disso, temos utilizado do mandato de nos posicionar liquidamente comprado ou vendido no Equity Hedge, o que tem agregado alfa sobre a rentabilidade da carteira long x short.

6. Atribuição de Performance – Novembro de 2008

Quest 1 FIM	
Bolsa	0,02%
Bolsa ex-Brasil	-0,03%
Dólar	0,13%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,14%
Caixa	1,06%
Despesas	-0,06%
Custos	-0,12%
Rentabilidade Líquida	1,15%

Quest 30 FIM	
Bolsa	0,05%
Bolsa ex-Brasil	-0,13%
Dólar	0,30%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,01%
Inflação Brasil	0,03%
Juros Brasil	0,27%
Caixa	0,94%
Despesas	-0,03%
Custos	-0,16%
Rentabilidade Líquida	1,28%

Quest Macro 30 FIM	
Bolsa	0,03%
Bolsa ex-Brasil	-0,10%
Dólar	0,25%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,24%
Caixa	0,96%
Despesas	-0,03%
Custos	-0,16%
Rentabilidade Líquida	1,20%

Quest Ações FIA	
Agronegócio	-0,01%
Bens de Capital	0,21%
Construção Civil	-0,02%
Consumo	0,27%
Elétricas e Saneamento	0,23%
Inst. Financeiras e Seguros	2,55%
Logística e Transportes	0,68%
Mineração e Siderurgia	-1,06%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,22%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,61%
Caixa	0,32%
Despesas / Custos / Juros	-0,21%
Rentabilidade Líquida	2,56%

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	0,00%
Bens de Capital	0,05%
Construção Civil	0,07%
Consumo	0,14%
Elétricas e Saneamento	0,04%
Inst., Financeiras e Seguros	0,32%
Logística e Transportes	0,16%
Mineração e Siderurgia	-0,01%
Papel e Celulose	0,00%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,22%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,03%
Caixa	0,95%
Despesas / Custos / Juros	-0,19%
Rentabilidade Líquida	1,76%

Quest Equity Hedge 60 FIM	
Agronegócio	0,00%
Bens de Capital	0,07%
Construção Civil	0,10%
Consumo	0,18%
Elétricas e Saneamento	0,09%
Inst., Financeiras e Seguros	0,43%
Logística e Transportes	0,27%
Mineração e Siderurgia	0,09%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,40%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,02%
Caixa	0,95%
Despesas / Custos / Juros	-0,33%
Rentabilidade Líquida	2,28%

Quest Iporanga 15 FIM	
Bolsa	0,08%
Dólar	-0,09%
Outras Moedas	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,32%
Caixa	1,00%
Despesas	-0,08%
Custos	-0,15%
Rentabilidade Líquida	1,09%

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

7. Histórico de Performance:

QUEST 1 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004	1,79%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	18,45%	114,05%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%	1,56%	1,26%	-0,73%	-0,19%	0,52%	1,25%	1,20%	1,15%		3,59%	32,21%

Início do fundo: 02/07/2001

QUEST 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%	1,61%	1,57%	-2,18%	-0,48%	0,48%	1,31%	1,43%	1,28%		-1,60%	n.a.

Início do fundo: 19/10/2004

QUEST MACRO 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007										2,35%	-0,46%	-0,78%	1,10%	41,78%
2008	-0,35%	-0,58%	-3,33%	1,43%	1,46%	-1,38%	0,25%	0,65%	1,34%	1,82%	1,20%		2,43%	21,79%

Início do fundo: 16/10/2007

QUEST AÇÕES FIA														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,99%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	33,73%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,68%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%	8,64%	10,37%	-4,70%	-6,73%	-7,22%	-11,08%	-13,95%	2,56%		-31,01%	-42,72%

Início do fundo: 01/06/2005 * Ibovespa Médio até 2007 / Ibovespa Fechamento em 2008

QUEST LONG SHORT 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%	1,16%	1,66%	1,11%	-0,08%	-0,20%	1,70%	1,44%	1,76%		7,17%	64,40%

Início do fundo: 28/12/2006

QUEST EQUITY HEDGE 60 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007												2,87%	2,87%	342,31%
2008	0,77%	1,56%	-2,61%	1,44%	1,97%	1,36%	-0,36%	-0,52%	2,75%	2,86%	2,28%		11,99%	107,66%

Início do fundo: 30/11/2007

QUEST IPORANGA 15 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007											0,31%	0,99%	1,30%	114,61%
2008	0,35%	1,22%	1,19%	1,86%	1,14%	0,67%	1,95%	1,02%	1,08%	1,29%	1,09%		13,64%	122,50%

Início do fundo: 21/11/2007

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: +55 11 3526-2250 email: comercial@questinvest.com.br

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais. A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material. A Quest Investimentos Ltda, não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos. Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda, utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.